

edição
especial



manual

PROJETO DE PESQUISA

UM GUIA DESCOMPLICADO!

coleção
para bebês

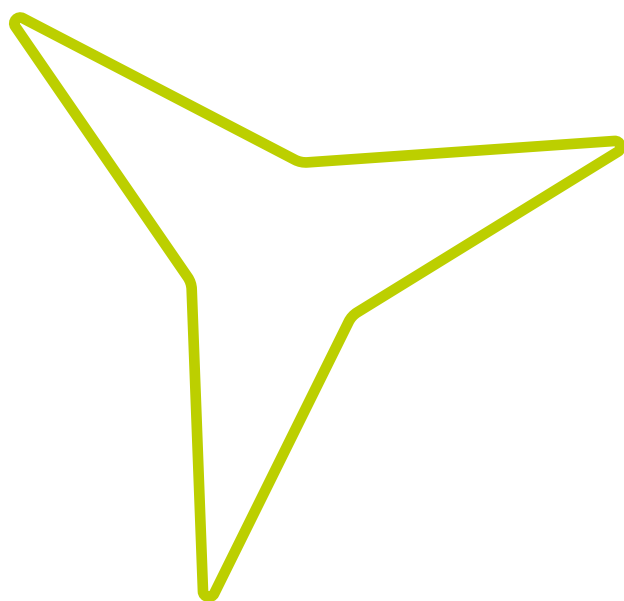


Dalson Britto Figueiredo Filho
Rafael Cardoso Sampaio

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98).

Autores: Dalson Britto Figueiredo Filho; Rafael Cardoso Sampaio

Projeto Gráfico, Capa e Diagramação: Marília Gabriella Lira



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Figueiredo Filho, Dalson Britto
Checklist [livro eletrônico] : projeto de
pesquisa : um guia descomplicado / Dalson Britto
Figueiredo Filho, Rafael Cardoso Sampaio. --
1. ed. -- Recife, PE : Ed. dos Autores, 2024. --
(Coleção para bebês)
PDF

Bibliografia.
ISBN 978-65-01-11027-1

1. Metodologia de pesquisa científica
2. Pesquisa científica 3. Redação acadêmica
4. Trabalhos acadêmicos - Metodologia I. Sampaio,
Rafael Cardoso. II. Título. III. Série.

24-219619

CDD-808.066

Índices para catálogo sistemático:

1. Trabalhos acadêmicos : Metodologia : Guias
808.066

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

PREFÁCIO

Rafael R. Viegas



Bem-vinda e Bem-vindo ao “Projeto de Pesquisa para Bebês”, uma obra de coautoria de Dalson Figueiredo e Rafael Sampaio, dois jovens pesquisadores e professores, mas já com bastante experiência e conhecidos no meio acadêmico, que juntaram forças para criar um guia prático, direto e, acima de tudo, descomplicado para ajudar você a atravessar os caminhos muitas vezes tortuosos da pesquisa acadêmica.

Se você chegou até aqui, parabéns! Isso significa que está pronta e pronto para encarar a maravilhosa e, às vezes, confusa jornada da pesquisa acadêmica. Não se preocupe, este guia está aqui para tornar tudo isso menos assustador. Pense nele como sua melhor amiga e seu melhor amigo no mundo acadêmico, aquela e aquele que ajudam a descomplicar as coisas e dar aquele empurrãozinho necessário.

Este guia é como um bom café: forte, direto e essencial para manter você acordada e acordado durante as longas horas de estudo. Sabemos que a pesquisa pode parecer um monstro de sete cabeças, mas, acredite, é possível domá-lo. Está dividido em sete passos simples. Se você sabe contar até sete, está no caminho certo! Aqui, você não vai encontrar termos complicados ou frases rebuscadas. Nada de “a estética em Theodor Adorno e a metodologia transcendente”. Um conteúdo denso é explicado em linguagem leve e direta, porque, convenhamos, de complexa já basta a vida, como diz esta obra.

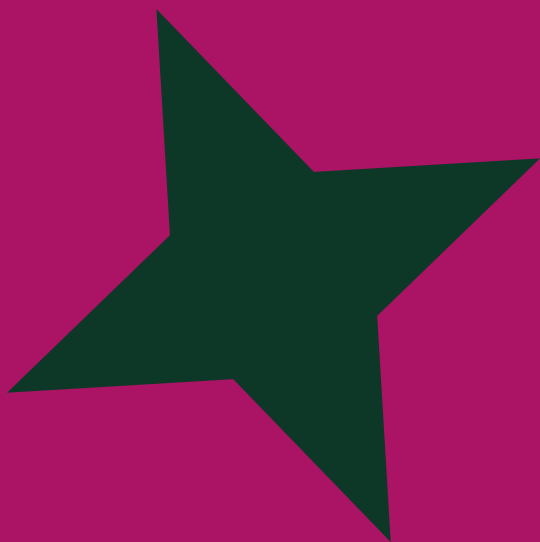
O presente guia abrange desde a formulação da Questão de Pesquisa, passando pela Revisão Bibliográfica, e chegando aos Objetivos e Hipóteses. A metodologia é explicada de forma prática, por quem conhece bem assunto e as principais dificuldades, e as Considerações Éticas são apresentadas de maneira clara e objetiva. Para completar, há uma seção detalhada sobre a Discussão dos Resultados e, claro, as Conclusões, Limitações e Recomendações para encerrar com chave de outro.

Não só o que você deve fazer, mas também o que deve evitar a todo custo está explicado aqui. Sabe aquele conselho que se recebe da avó e do avô? “não mexa com isso, não presta?”. Só que, em vez de sabedoria de avó e de avô, é sabedoria acadêmica.

Este guia é seu companheiro desde a formulação da pergunta de pesquisa até a conclusão, passando por todos os perrengues que possa imaginar. E para quem acha que precisa ser um gênio para fazer um bom projeto, pode relaxar. O objetivo aqui é mostrar que, com a orientação certa e pensando organizadamente, você vai se sair bem na pesquisa. Até mesmo quem já se enrolou com a ABNT mais vezes do que gostaria de admitir.

Então, pegue seu café (ou chá, se preferir), coloque uma trilha sonora animada e embarque nesta jornada. Promete-se que será menos doloroso do que parece. E quem sabe, com muita dedicação, você ainda vai acabar gostando disso tudo. Bons estudos!

Rafael Rodrigues Viegas é doutor em Administração Pública e Governo (FGV), professor e consultor.



sobre este GUIA



Este guia vai te ajudar a dar aquela *pump* no seu projeto de pesquisa. Assim como as cores do arco-íris e as notas musicais, selecionamos sete itens que são valorizados em bancas de seleção de mestrado e doutorado. Para cada um, explicamos o que fazer e, especialmente, o que deve ser evitado. Em particular, o manual cobre os seguintes elementos de um projeto:

- Questão de pesquisa
- Revisão bibliográfica
- Objetivos e hipóteses
- Metodologia
- Considerações éticas
- Discussão dos resultados
- Conclusões, limitações e recomendações

A nossa abordagem é prática e direta, oferecendo dicas que irão facilitar sua vida. Além disso, incluímos sugestões de leitura para um aprofundamento adicional no conteúdo e ferramentas úteis que tornarão a elaboração do seu projeto mais eficiente e menos estressante. Tudo isso com linguagem leve porque de complexa já basta a vida.

Como diria a diva Anitta, “prepara!”

Vamos nessa?

FIGUEIREDO, D; SAMPAIO, R. **Projeto de Pesquisa**. Recife, Coleção para Bebês, 2024.

SUMÁRIO

Bora nessa que vai ser massa!



06

Ops, para
tudo!



*Alguns cuidados sobre o que
NÃO fazer*

Questões
de Pesquisa



08

11

Revisão
Bibliográfica



Objetivos e
Hipóteses



17

24

Metodologia



Considerações
Éticas



30

34

Discussão
dos
Resultados



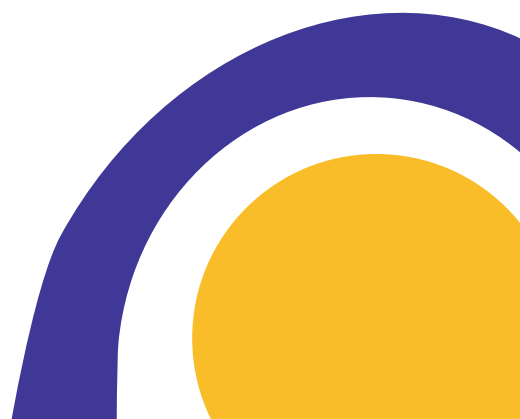
Conclusão,
limitações e
recomendações



37

40

Dicas Finais





OPS, PARA TUDO!

*Antes dos 07 pontos para um bom projeto de pesquisa, alguns cuidados sobre o que **NÃO** fazer*



a) Não escreva várias perguntas retóricas no texto. Isso confunde o leitor e prejudica a compreensão do que vai ser feito;

b) Evite citações diretas, sejam curtas ou longas. Prefira parafrasear. Explique com as suas próprias palavras a ideia original do autor@. É muito chato ler trabalhos que de tempos em tempos incluem uma citação gigante no meio da página. Sério mesmo. O leitor quer ouvir/ler o que você tem a dizer, não precisa ficar igual a “papagaio de pirata” repetindo os outros. Além disso, ao reescrever os argumentos da literatura com suas próprias palavras, você se apropria melhor desses conteúdos.

c) Não use linguagem difícil. A complexidade linguística não deve ser confundida com profundidade analítica. A linguagem científica deve ser simples e direta. “Ah, mas eu gosto muito de Hegel e Kant”. Ótimo, leia na rede de frente para o mar tomando água de coco, mas, na hora de escrever o texto do seu projeto, é melhor algo mais próximo da Turma da Mônica (fomos hiperbólicos aqui para enfatizar a importância da simplicidade da escrita. Não vá “tlocar” as bolas! Você entendeu);

d) Não ignore as sugestões dos seus colegas. Ninguém gosta de ser criticado, mas lembre-se de que não é pessoal. A ciência avança pelo debate de ideias. A maioria das críticas que você receberá (esperançosamente) será construtiva. O pior cenário é você defender exatamente o mesmo projeto submetido na seleção, indicando que o tempo da pós-graduação não contribuiu para a melhoria da sua proposta inicial. Toda vez que receber uma crítica, por mais que você discorde do conteúdo, receba de braços abertos. Depois que você passar por alguns eventos, você vai perceber que muitas das sugestões acabam se repetindo. Incorpore o que for possível, justifique o que for impossível, mas, por favor, não ignore o esforço da comunidade científica em avançar coletivamente o conhecimento humano!

e) Não deixe para a última hora. Esse é um erro bobo, mas extremamente recorrente. O ideal é você fazer um pouquinho do trabalho todo dia. Nem que seja escrever uma única linha, nem que seja ler um único parágrafo. O mestrado é muito rápido. Quando você terminar de cursar as disciplinas, já está quase na hora da defesa. Então, adote um ritmo de trabalho que seja devagar e sempre;

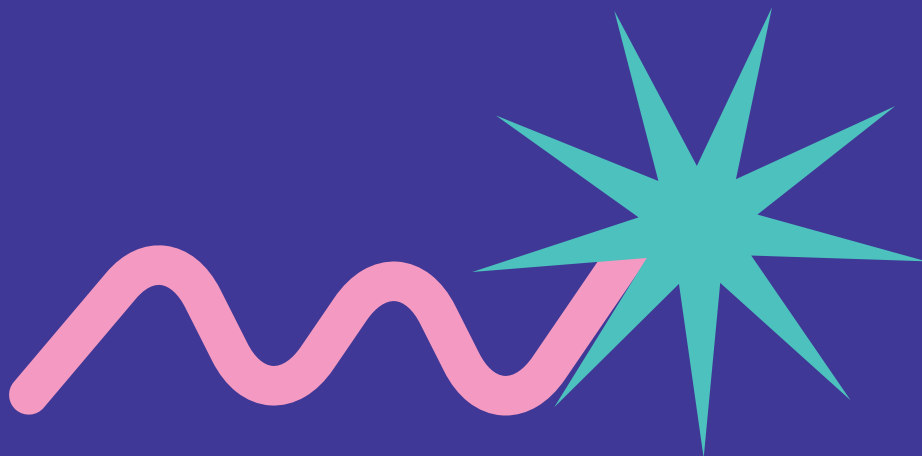
f) Não escreva na metodologia que vai fazer uma revisão de literatura. Deixamos esse alerta por último por um bom motivo: esse é o erro mais recorrente em projetos de pesquisa. Pense conosco: Se você não revisar a literatura sobre o tema para fundamentar teoricamente o seu trabalho, o que você revisará? Revistas esportivas? Coletânea de contos românticos? Não faz sentido. Pela nossa experiência, quando o candidato afirma, na metodologia, que vai fazer revisão de literatura de artigos e livros é um indício muito forte de que ele não tem a menor ideia de como aquele projeto vai ser implementado na prática. E isso fica evidente durante a defesa da proposta. A banca pergunta como as evidências serão coletadas e o infeliz não consegue explicar a parte mais importante do projeto.

Agora que você já sabe o que não deve fazer, já podemos discutir os sete pontos para um bom projeto de pesquisa.

01

Questão de Pesquisa

Formulação de uma pergunta de pesquisa que vá direto ao ponto!



Anote para não esquecer: O projeto deve iniciar com uma pergunta de pesquisa **bem definida, relevante** para a área de estudo e **viável** para ser abordada durante o período do mestrado/doutorado. Devemos, portanto, considerar três elementos:

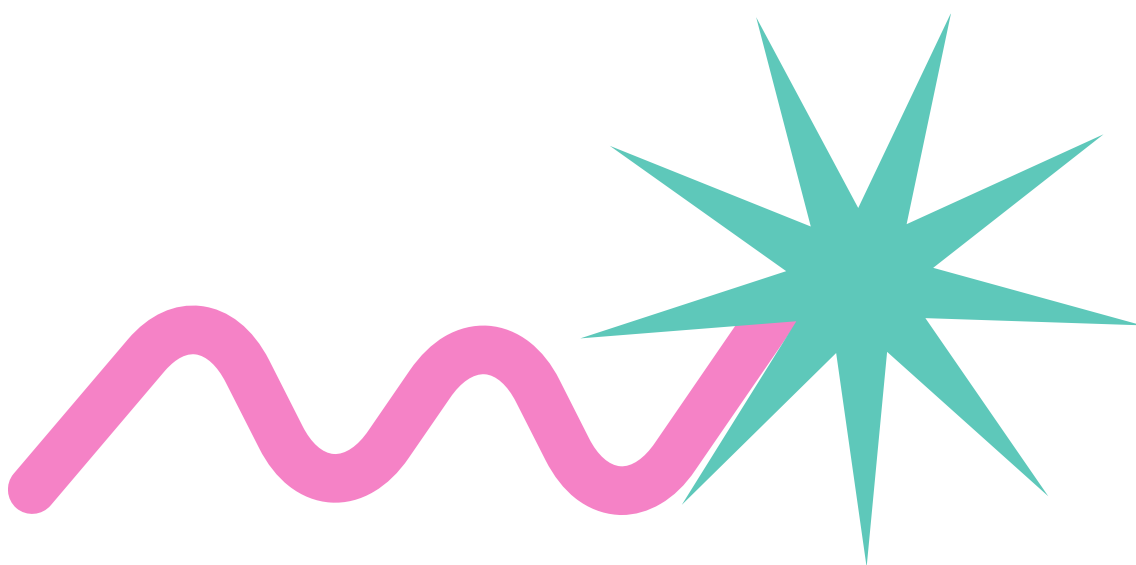
- a) **Delimitação** → frase curta (máximo 3 linhas) e em formato interrogativo (sim, deve terminar com com uma “?”). Veja três exemplos;
 - a. “Quais fatores explicam a polarização afetiva?”
 - b. “Qual é o impacto da vitamina D sobre a saúde óssea de idosos?”
 - c. “Como a estatística bayesiana pode melhorar a precisão de modelos de séries temporais?”

- b) **Relevância** → a sua pergunta deve dialogar **diretamente** com os principais *puzzles* da área. Algumas dicas:
 - a. Invista tempo, talento e energia em uma revisão bibliográfica abrangente;
 - b. Fale com especialistas da área em busca de sugestões de leituras. Isso é muito importante para você saber quem diz o quê;
 - c. Visite os sites de eventos científicos da sua área e monitore as tendências, assim como um hipocondríaco verifica as novidades na farmácia. A maior parte dos congressos conta com grupos de trabalho em que pesquisadores e pesquisadoras apresentam seus trabalhos em andamento (*working papers*).

- c) **Viabilidade** → não adianta ter uma excelente questão de pesquisa se ela for impossível de responder diante das suas limitações de tempo e recursos. Por exemplo: certa vez um candidato disse que iria entrevistar os ministros do STF. “*Come on?*” Talvez seja até possível, mas não parece uma estratégia razoável, entendeu a lógica?. O seu projeto precisa aparentar viabilidade. Se a banca achar a ideia boa, porém logisticamente complicada, isso pode acabar atrapalhando as suas chances de ingresso na pós-graduação. Veja essas recomendações:
 - a. O seu projeto deve ser ambicioso, claro, mas não pode ser sem noção, como Joselito (não pegou a referência? Problema geracional, vamos em frente);
 - b. Tente antecipar as principais dificuldades. Tipo, o que pode dar errado aqui? Talvez a série temporal não esteja disponível. Talvez os documentos não estejam públicos. Talvez as pessoas se recusem a participar da entrevista. Antecipar eventuais problemas mostra para a banca maturidade científica, o que sempre é uma qualidade desejável para exibir em um processo seletivo;
 - c. Se já tiver orientador (a), converse sobre os limites e possibilidades da estratégia que você está propondo. Mostre o projeto em andamento para seus colegas de turma. Submeta a versão preliminar em eventos científicos. Tudo isso vai ajudar a melhorar a qualidade da proposta.

Para saber mais sobre como melhorar a qualidade do seu projeto de pesquisa:

- I. **Weingast (1995)** será fundamental para estruturar as partes mais importantes do projeto e definir o foco da proposta. É um dos textos mais concisos e esclarecedores que você encontrará sobre o tema. Apostamos uma córnea (a do Rafael!)
- II. **Nicolau (2013)** é essencial para ajudar a montar o esqueleto do projeto, incluindo os itens comumente exigidos por programas de pós-graduação e agências de fomento. Pode ir que é sucesso. Apostamos um rim, o do Dalson!
- III. **Gustafsson e Hagström (2018)** será de grande ajuda para abordar uma das partes mais cabeludas do projeto: o *puzzle* ou problema de pesquisa.
- IV. **Koller, Couto, Hohendorff (2014)** organizaram uma coletânea bacanuda sobre diferentes atividades da vida acadêmica e apresentam boas dicas de escrita.
- V. Veja também o modelo de pesquisa pré-testado que já disponibilizamos em diversas oportunidades em vários locais diferentes ([aqui](#)).



02

Revisão bibliográfica

Uma revisão detalhada da literatura é essencial para fundamentar teoricamente o projeto, entender o contexto do problema e identificar eventuais lacunas no conhecimento.



Ao fazer um projeto, um erro muito comum é tentar exibir, desnecessariamente, conhecimentos excessivos sobre o assunto, citando vários autores da área. Um professor muito querido, Luciano Oliveira, chamava isso de “*name dropper*”. De modo que a leitura do projeto mais fica parecendo uma leitura de enciclopédia (para os mais velhos) ou do Wikipédia (para os mais jovens). Isso é ruim, evite!

Outro erro muito frequente é fazer uma revisão de literatura exclusivamente focada em teorias ou conceitos, se o seu projeto não é conceitual. Ora, revisões de literatura podem sim ser baseadas em avaliar e sintetizar teorias, mas também áreas ou domínios de pesquisa, métodos, resultados de pesquisa, entre outros. Você já tem aqui duas coisas para evitar!

Para um projeto de pesquisa, o que desejamos de uma revisão de literatura? Para Justin Paul e Alex Criado (2020), a **arte de fazer revisões de literatura** envolve responder “o que sabemos e o que precisamos saber sobre um tópico”. Em outras palavras, você deve contextualizar o estudo na sua área de pesquisa e, idealmente, identificar lacunas na agenda de pesquisa ou controvérsias (isso mesmo fulano diz tal coisa e Beltrano defende exatamente o inverso), que é justamente onde sua pesquisa buscará colaborar. A isso chamamos de estado da arte. Até aqui tudo bem?

Logo, um avaliador num processo seletivo não quer que você exiba seus conhecimentos, mas saber se você é capaz de revisar uma literatura de modo apropriado de acordo com sua pergunta de pesquisa, de elaborar boas hipóteses. Veja aqui alguns elementos desejáveis da revisão teórica:

- **Inclua os trabalhos famosos:** por exemplo, seria muito estranho revisar um projeto de pesquisa sobre presidencialismo na América Latina que não menciona “*The perils of presidentialism*” de Juan Linz. Similarmente, o quão surpreendente seria ler um trabalho, submetido a um programa de Sociologia, que estuda burocracia sem citar Weber?
- **Atualize as referências:** é muito estranho ler um projeto em 2024 que apenas cita trabalhos da década de 1980 e 1990. Fica parecendo que o autor estava com preguiça na hora de escrever ou que não acompanha a literatura. Dificilmente o seu tema vai ser tão especial ao ponto de ninguém ter feito nada remotamente relevante nos últimos 20 anos;
- **Garanta uma proporcionalidade entre citações nacionais e internacionais:** com certeza a banca pode estranhar se as suas referências forem puramente nacionais. Vai vir uma pergunta na certa: “e aquele trabalho de fulano publicado em tal revista gringa?” Mesma coisa se você apenas citar material internacional. Vai ter alguém na banca para dizer: “sim, mas o contexto brasileiro é diferente. Você não citou tal trabalho de fulano da USP ou de sicrano da UFMG?. Entendeu como funciona a parada? Em síntese, a sua revisão da literatura deve ser abrangente, citar tanto os trabalhos seminais quanto os mais recentes, ponderar a contribuição das pesquisas nacionais e internacionais, além de avançar na compreensão do seu objeto.

A primeira função de uma revisão de literatura bem feita é identificar as obras fundamentais de uma determinada área do conhecimento. Como já enfatizamos, esse mapeamento deve ser abrangente, incluir a produção nacional e internacional, de modo que tanto os autores clássicos quanto as produções mais recentes sejam contempladas. O leitor precisa finalizar a revisão já sabendo quais são os conceitos e os debates essenciais daquele campo. Sempre que possível, estabeleça comparações entre as obras. “Fulano disse isso, Beltrano disse aquilo”. Tente organizar também as ideias contrárias. “Diferente de Silva (ano), José (ano) defende o oposto pelas razões abaixo”. Um procedimento que ajuda muito é criar quadros sintéticos com o objetivo de sumarizar as principais características de cada trabalho. [Veja aqui um exemplo de como fazer isso.](#)

Por fim, revise também a metodologia dos trabalhos. Para entender as conclusões das obras, você precisa compreender como as pesquisas foram realizadas e isso passa pela análise cuidadosa dos desenhos de pesquisa.

Excelente! Agora que você já compreendeu a importância da revisão de literatura, vamos sugerir ferramentas para tornar esse processo mais eficiente. Com o avanço computacional e da inteligência artificial, quem corre é a bola!

A primeira é o [Google Scholar](#). “Mas, professores! Esse aí é velho, já conheço demais”. Tenha calma, Calabreso. Muita gente não sabe que existe um filtro específico de *review articles*. Isso força o algoritmo do Google a procurar trabalhos de revisão da literatura. Isso é uma mão na roda para você encontrar conteúdos úteis para o seu projeto. A Figura 1 ilustra o funcionamento do buscador a partir do termo “*corruption*”.

Figura 1 - Funcionamento do *Google Scholar* com o filtro de artigos de revisão

The image shows a screenshot of the Google Scholar search results page for the term "corruption". The search bar at the top contains the word "corruption" and shows approximately 79,700 results. On the left sidebar, the "Artigos" (Articles) filter is selected and highlighted with a red box. The main content area displays several search results, each with a title, author, publication information, and a brief abstract. The results are:

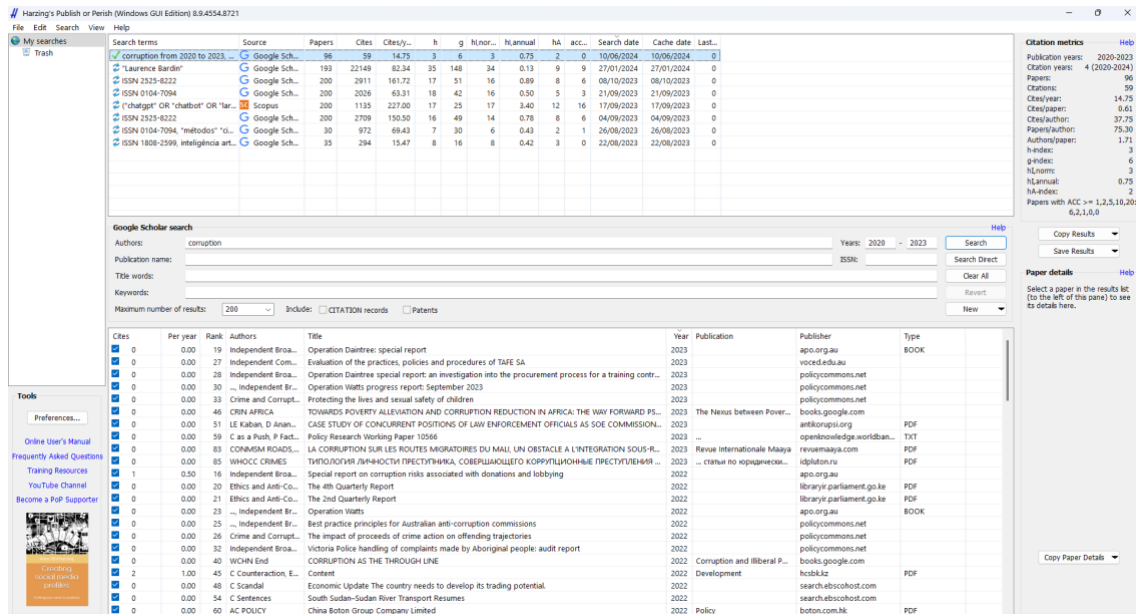
- Corruption: A review** by AK Jain, Journal of economic surveys, 2001. [PDF] wiley.com
- Corruption in developing countries** by BA Oikien, R Pande, Annu. Rev. Econ., 2012. [PDF] annualreviews.org
- Corruption and development: a review of issues** by P Bardhan, Political corruption, 2017. [PDF] academia.edu
- The anthropology of corruption** by D Torsello, B Venard, Journal of management inquiry, 2016. [PDF] sagepub.com

Below the search results, there is a section for "Pesquisas relacionadas" (Related searches) with the following terms:

- police corruption
- bribery corruption
- transparency corruption
- fighting corruption
- fifa corruption
- crime corruption
- corruption perception index
- public procurement corruption

A segunda ferramenta é o **Publish or Perish**. 0800, interface amigável e com alguns cliques você já pode pesquisar bases abertas como o próprio Google Scholar, a Open Alex e o Semantic Scholar, além de bases consolidadas como PubMed, Scopus e Web of Science. A vantagem é que os dados já saem sistematizados, prontos para exportar ou mesmo para seu gerenciador de referências. É um santo remédio para pesquisa bibliométrica e facilita a realização de revisões sistemáticas e meta-análises. A Figura 2 ilustra a página de abertura do *software*.

Figura 2 - **Publish or Perish**



A terceira ferramenta é o **Litmaps**. Como o nome já indica, serve para mapear a literatura. Então dá para visualizar quem citou quem e daí descobrir novas fontes. O *software* conta com outras potencialidades, mas não falaremos aqui porque não gostamos de *spoiler*, :). A Figura 3 ilustra o mapa realizado com a primeira referência que encontramos no Google Scholar no exemplo anterior.

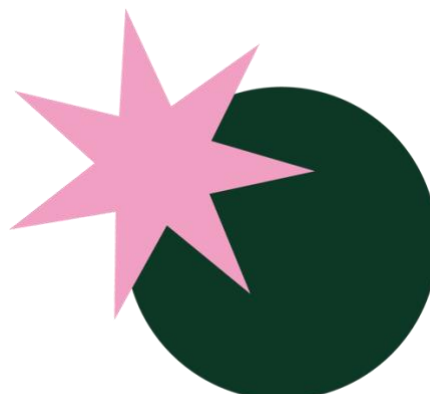
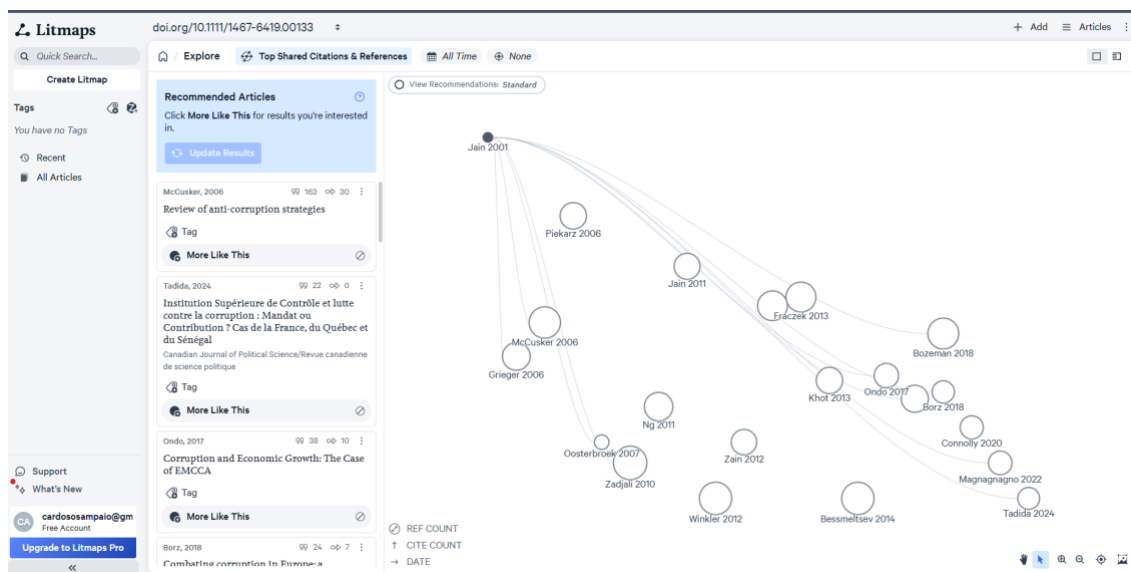


Figura 3 - Litmaps



Uma diferença importante é que ela procura não apenas por palavras, mas também por registros importados de seu gerenciador de referências. Outras parecidas para fazer esses mapas da literatura são [Connected Papers](#) e [Research Rabbit](#).

Também estão brotando aos montes plataformas e aplicativos baseados em inteligência artificial, que podem ser úteis nesse momento inicial. Você pode começar fazendo a sua pergunta de pesquisa e vendo as indicações. **CUIDADO:** só tenha certeza se é uma ferramenta conectada à internet, que faz a busca na hora. Alguns modelos de linguagem não conectados podem inventar referências!!

Gerenciadores de referência??

Para o projeto de pesquisa pode não ser tão vital, mas na carreira acadêmica é útil adotar um gerenciador o quanto antes. São *softwares* que permitem criar facilmente referências e bibliografia em editores de texto, como o Word. Os mais conhecidos são [Mendeley](#) e [Zotero](#) e você pode guardar arquivos de PDF, exportar referências e até mesmo os usar para grifar textos e gerar as anotações. #ficadica

De preferência, procure por plataformas acadêmicas, como [Elicit](#), [SciSpace](#) e [Scite](#). Agora, não se esqueça das bases indexadoras formais, que são aquelas onde geralmente estão as melhores revistas, como SciELO, Scopus e Web of Science. Anote aí outras ferramentas bastante utilizadas:

- [SciELO.org](https://www.scielo.org)
- <https://www.scopus.com/home.uri>
- <https://clarivate.com/products/scientific-and-academic-research/research-discovery-and-workflow-solutions/webofscience-platform/>

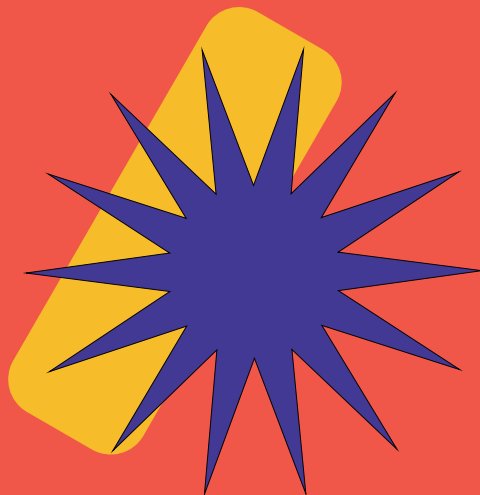
Agora ficou fácil demais! Para finalizar, escolha aí uma boa trilha sonora, um copo grande de água gelada para você se manter hidratada e vamos trabalhar. Para saber mais: [Denney e Tewksbury \(2012\)](#), [Nicolau \(2013\)](#), [Ferenhof e Fernandes \(2016\)](#), [Figueiredo Filho et al \(2014\)](#), [Stinson \(2018\)](#) e [Paul e Criado \(2020\)](#).



03

Objetivos e hipóteses

Objetivos e hipóteses devem estar bem definidos e conectados à pergunta de pesquisa



Já aprendemos que a questão de pesquisa deve ser curta, direta e em formato interrogativo. Também já encontramos, com ajuda do [Google Scholar](#), do [Publish or Perish](#), do [Litmaps](#) ou outros, os trabalhos mais relevantes da área. “E agora, José?”. Bem, você tem que definir os objetivos (geral e específicos) e apresentar a sua hipótese, se for o caso (observe que nem todo trabalho precisa de hipótese, mas se for para ter hipótese, assim como uma receita de bolo, ela deve ser formatada dentro de uma lógica específica).

Assim como Dexter, vamos por partes! “*Professores, não peguei a referência*”. Procure aí na internet. Voltando. Primeiro, vamos falar dos seus objetivos. **Anote essas dicas:**

1. O objetivo geral deve ter, no máximo, três linhas e deve ser redigido com verbo no infinitivo. “*Professores, isso tá parecendo meio arbitrário*”. É um pouco, mas toda regra é, por definição, arbitrária. Por enquanto, vamos seguir certinho, blz?;
2. Evite verbos loucos como refletir (quem reflete é espelho), problematizar (e por acaso você é psicanalista?) e discutir (aí não né! Não queremos arrumar confusão com ninguém, 😊);
3. Opte por verbos mais concretos do tipo analisar, descrever, estimar, compreender, identificar, mensurar, etc. Essa parte da escolha do verbo é decisiva para a delimitação dos seus objetivos. Uma coisa que pode ajudar é você adequar a natureza do verbo à essência do objetivo. Se for algo mais quantitativo, você usa verbos como identificar, aferir e avaliar. Se for algo mais qualitativo, talvez verbos como compreender, contextualizar e caracterizar sejam mais adequados;
4. Para o mestrado, está de bom tamanho dois ou três objetivos específicos. Claro que isso depende muito de área e da complexidade da proposta;
5. Para o doutorado, entre três e cinco objetivos devem ser suficientes para cumprir o objetivo geral;
6. Pense nos objetivos específicos como coisas, como procedimentos, que você deve realizar para garantir que o objetivo geral seja alcançado.

Cuidado:

- a. O objetivo específico **NÃO** pode ser mais complexo/difícil de cumprir do que o objetivo geral;
- b. O objetivo específico **NÃO** pode vir com um conectivo “e”. Se for o caso, você tem mais de um objetivo e deve desmembrá-lo tal qual Dexter fazia com seus desafetos [cuidado dobrado com o *spoiler*].

Faça o seguinte. Antes de continuar, leia o artigo [Breve roteiro para redação de um projeto de pesquisa](#) que foi escrito pelo professor Jairo Nicolau. Com isso resolvido, já estamos no meio do caminho.

O outro problema agora é desenrolar a hipótese. O primeiro passo é entender o que é uma hipótese e para que ela serve em uma pesquisa científica. Para isso, vamos te recomendar três leituras.

Comece com o *Guide to Methods for Students of Political Science* do professor Stephen Van Evera.

Depois, deitada em uma rede de frente para o mar, você deve ler o *Designing Social Inquiry: Scientific Inference in Qualitative Research*.

Por fim, a terceira sugestão é **Levando Gary King a sério: desenhos de pesquisa em Ciência Política**, que foi especialmente desenvolvido para aprimorar desenhos de pesquisa. Apesar de ter sido escrito para a área de Ciência Política, as recomendações são úteis para qualquer campo do conhecimento científico. *“Professores, confesso que estou com um pouco de preguiça de ler o artigo agora. Será que não tem um resumo aí não?”*. Tem. Mas você tem que prometer que vai ler integralmente o material depois. Estamos combinados?

Perguntas e Respostas

1. Qual é o principal objetivo do projeto?

Iniciar um debate sistemático sobre o uso de métodos e técnicas de pesquisa na Ciência Política brasileira, apresentando dez procedimentos para melhorar a qualidade dos desenhos de pesquisa.

2. Quais são esses procedimentos?

(1) explicitar e justificar a questão de pesquisa; (2) descrever os métodos e as técnicas; (3) simplificar a hipótese de trabalho; (4) produzir inferências causais falsificáveis; (5) apresentar as limitações do desenho de pesquisa; (6) minimizar a complexidade da linguagem; (7) compartilhar a base de dados; (8) evitar gráficos nebulosos e tabelas poluídas/incompletas; (9) ser criticado antes de publicar; e (10) escolher adequadamente os meios de divulgação.

3. Por que é importante explicitar a questão de pesquisa?

Explicitar a questão de pesquisa facilita entender e avaliar a relevância do trabalho.

4. Quais são as recomendações em relação aos métodos e técnicas de pesquisa?

Todos os procedimentos metodológicos devem ser descritos detalhadamente para aumentar a transparência e facilitar a replicabilidade do estudo. Isso inclui, por exemplo, relatar como os dados foram coletados, o nível de mensuração das variáveis, as técnicas de pesquisa e os *softwares* empregados.

5. Como a hipótese de trabalho deve ser formulada?

A hipótese deve ser objetiva e parcimoniosa, contendo três componentes: uma relação esperada entre conceitos, uma variável independente e uma variável dependente. A hipótese deve ser escrita em voz ativa e sem misturar explicação ou justificativa na mesma frase. Ou seja, você não precisa defender a relevância científica do problema na mesma frase em que postula a conjectura teórica que será testada na pesquisa.

6. O que significa produzir inferências causais falsificáveis?

Produzir inferências causais falsificáveis significa criar hipóteses que podem ser testadas e refutadas por outros estudos, no sentido Popperiano do termo. *“Professores, nunca nem ouvi falar. Esse tal de Popper tá no Insta?”*. Depois procure aí sobre ele na internet. O seu estudo deve ser desenhado de modo que as conclusões sejam refutáveis. Isso é importante porque a capacidade de ser refutado é um dos pilares do método científico, permitindo corroborar ou refutar teorias a partir de evidências empíricas.

7. Quais são os benefícios de compartilhar bases de dados (*data sharing*)?

Compartilhar bases de dados aumenta a transparência e facilita a replicabilidade dos resultados. Isso permite que outros pesquisadores melhorem nossas análises. Além disso, o compartilhamento protege a comunidade científica contra fraudes intencionais e erros honestos.

8. Por que devemos evitar gráficos nebulosos e tabelas poluídas/incompletas?

Gráficos confusos e tabelas sobrecarregadas dificultam a compreensão dos resultados. A clareza na apresentação dos dados é essencial para que o leitor possa interpretar corretamente as informações e as conclusões do estudo.

9. Qual é a importância de ser criticado antes de publicar um trabalho?

Ser criticado antes de publicar ajuda a identificar pontos fracos no estudo, permitindo que o pesquisador faça melhorias substantivas na pesquisa.

10. Como escolher os meios de divulgação de seus trabalhos?

Os pesquisadores devem escolher os meios de divulgação que sejam mais adequados ao seu público-alvo com o objetivo de aumentar a visibilidade e impacto de seus trabalhos. Isso pode incluir periódicos acadêmicos, conferências, e plataformas de acesso aberto, além de policy papers, sumários executivos e *one-page*.

Resolvemos então a parte teórica. Vamos aprender agora a **escrever uma hipótese** de modo que ninguém fique pegando no nosso pé sobre a compreensão do que iremos fazer. Ou seja, iremos aprender a fazer do jeito certo. Nossa hipótese será escrita de forma objetiva, curta e na voz ativa.

Mas antes de começarmos, deixa a gente contar uma história. Já participamos de um bocado de bancas de seleção. De longe, a parte que a turma mais se complica é exatamente na hora

de apresentar a hipótese de trabalho. O primeiro grande problema é que, literalmente, a maior parte das pessoas não sabe ou não entende bem o conceito e a função de uma hipótese em um trabalho científico. O resultado disso é que muitos projetos de pesquisa ou não apresentam a hipótese ou descrevem algo como se fosse a hipótese, mas de forma equivocada. Vejamos a definição de hipótese proposta por **Van Evera (1997)**:

“Uma conjectura da relação esperada entre dois fenômenos. Assim como leis, hipóteses podem ser de dois tipos: causais (A causa B) e não casuais – A e B são causados por C; dessa forma A e B são correlacionados, mas nem A causa B são correlacionados, mas nem A causa B nem B causa A” (Van Evera, 1997, p.09).

A definição informa que uma hipótese é uma conjectura - que é uma palavra bonita para dizer suposição - a respeito do padrão de relacionamento entre dois fenômenos. Por exemplo, em dias chuvosos o trânsito tende a ser pior. Estamos estabelecendo uma suposição sobre como o nível pluviométrico está relacionado com a circulação de carros e pessoas. E não apenas isso: estamos indicando a natureza da relação: quanto mais chuva, pior o trânsito.

“Professores, estou começando a entender. Será que não tem outro exemplo?”. Tem. Imagine aí que você acabou de ser contratada para ser secretária de saúde do seu município. O prefeito quer reduzir a taxa de mortalidade infantil. Que variável pode estar relacionada com mortalidade de crianças? Você, muito sabidamente, resolve melhorar o acompanhamento de pré-natal com um programa inovador que a gestante ganha R\$100 por consulta e, se não faltar nenhuma, ganha o enxoval completo. Qual é a expectativa teórica de relacionamento entre o seu programa e a taxa de mortalidade? Espera-se uma associação negativa entre a política pública e a taxa de mortalidade. Pronto. Isso é uma hipótese.

Vou deixar aqui uma definição de hipótese que gostamos muito. Veja se você gosta também.

Suposição a respeito de como uma variável independente (VI) se relaciona com uma variável dependente (VD).

Anote aí para não esquecer: uma boa hipótese é formada por três componentes básicos:

- (1) uma relação esperada;
- (2) uma variável independente e
- (3) uma variável dependente

O Quadro 1 sumariza como esses componentes se relacionam na composição da hipótese de trabalho.

Quadro 1 - Anatomia de uma Hipótese (pegou a referência?)

Relação	X	Y	Hipótese
+	Tempo de estudo dedicado a uma disciplina específica.	Nota obtida na prova final dessa disciplina	Quanto mais tempo um estudante dedica ao estudo de uma disciplina, maior será sua nota na prova final.
-	Consumo diário de frutas e vegetais.	Índice de massa corporal (IMC).	Quanto maior o consumo diário de frutas e vegetais, menor o IMC
0	Signo	Qualquer coisa	Não existe relação entre o signo do infeliz e qualquer outro aspecto observável de sua vida

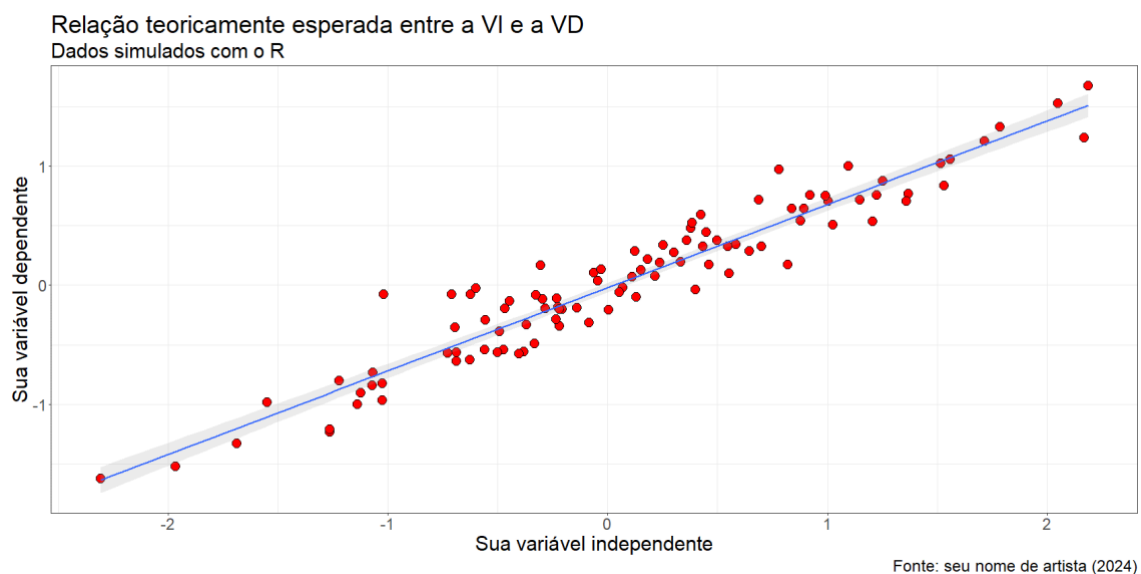
Agora que você já sabe escrever a hipótese de trabalho, vamos aprender a como representar a conjectura teórica da pesquisa em um gráfico para literalmente matar a banca de inveja. Anima? Pega esse [script](#) e leva para seu console do R.

```

9 library(ggplot2)
10 library(dplyr)
11
12 set.seed(123) # esse comando garante que os resultados serao iguais sempre, no seu e no meu computador!
13
14 x <- rnorm(100) # gera uma variavel normal com 100 casos, media zero e desvio padrao 1
15 y <- 0.71 * x + rnorm(100, mean = 0, sd = 0.2) # gera uma outra variavel y que é uma funcao do X
16
17 # observe que quanto maior for esse valor inicial (0,71), maior sera a correlacao
18 # experimente variar esse valor e observe o que acontece com o grafico
19
20 data <- data.frame(x, y) # aqui a gente junta X e Y em uma base de dados
21
22 data %>%
23   ggplot(aes(x, y)) + geom_point(size = 5,col = "black",fill = "red",shape=21) +
24   theme_bw() + geom_smooth(method = "lm",alpha = .2) +
25   labs(x = "Sua variável independente",
26        y = "Sua variável dependente",
27        title = "Relação teoricamente esperada entre a VI e a VD",
28        subtitle = "Dados simulados com o R",
29        caption = "Fonte: seu nome de artista (2024)") +
30   theme(text = element_text(size = 25)) # olha ai que grafico bonito!

```

Com essa rotina, você vai ter o seguinte gráfico no seu projeto/proposta de pesquisa.



No eixo X, a sua variável independente. No eixo Y, a sua variável dependente. Simulamos os dados para exibir uma correlação positiva. Dessa forma, a hipótese seria algo do tipo “Quanto maior X, maior Y”. *“Professores, e se a minha hipótese postular uma relação negativa entre os fenômenos?”*. Bem, aí basta você multiplicar o y por -1, :).

Pronto. Agora me diga qual é a banca que, em sua consciência, vai reprovar um projeto que, na metodologia, apresentou a representação teórica da hipótese de trabalho a partir de dados simulados? Pois é. Nenhuma. Claro que esse truque, por assim dizer, não garante a sua aprovação. Mas com certeza será um diferencial positivo em relação aos demais candidatos.

Para arrematar com chave de ouro, contextualiza teoricamente essa hipótese dentro da teoria sobre o assunto, conforme ensinamos na seção de revisão da literatura. Essa amarração entre a teoria e a estratégia empírica é decisiva para a banca comprar a sua ideia como cientificamente relevante. Novamente, checar o Google Scholar e outras plataformas de busca acadêmica ou por IA poderá ser interessante para ver o quanto você está alinhado com a área. Bom também para evitar reinventar a roda! Referências úteis para aprofundar no tema: [King \(1995\)](#), [King \(2006\)](#), [King, Keohane e Verba \(1994\)](#), [Van Evera \(1997\)](#) e [Paranhos et al \(2012\)](#).



04

Metodologia

Bem, essa é a parte mais importante do projeto. Se alguém discordar, “discorde voltando”. Como diria o saudoso Karl (não o Marx – que também é bacana, mas o Pearson), “A unidade de toda a ciência consiste apenas em seus métodos, não em sua substância”



Não se engane. A parte mais **importante** do seu projeto é a metodologia. E, curiosamente, vai ser a seção que você mais vai se enrolar. Por um motivo muito simples: em geral, a oferta de cursos de métodos e técnicas de pesquisa é muito limitada. E isso é verdade para diferentes áreas do conhecimento. Alguns ramos, como o Direito, não incluem nenhum curso de técnicas de pesquisa, o máximo são as regras da ABNT, por exemplo.

O efeito dessa ausência de treinamento é, evidentemente, uma maior dificuldade para lidar com a parte mais essencial de uma proposta de investigação científica: a metodologia. *“Professores, tô achando esse papo muito tendencioso? A parte mais importante do trabalho científico não é a teoria?”* Não, meu jovem. A teoria é primordial, mas o que diferencia a ciência de outras formas de conhecer a realidade não é a teoria - entendida aqui como afirmações gerais que descrevem e explicam as causas e os efeitos dos fenômenos de interesse - mas sim a forma como o estudo é conduzido. **Dica importante:** a metodologia deve ser definida em função da sua questão de pesquisa.

Vamos repetir: é a questão de pesquisa que condiciona qual será o desenho de pesquisa. **De Novo.** É a pergunta do projeto que vai indicar qual ou quais são os caminhos mais adequados. Observe outra coisa: a mesma pergunta de pesquisa pode ser respondida a partir de diversas perspectivas teóricas e metodológicas. Então, é importante você tentar convencer o leitor de que a sua solução é a melhor possível para aquele determinado problema.

“E qual a diferença entre métodos de pesquisa e técnicas de pesquisa?”

Para você não entrar pelo cano, procure as dicas do Cano! Do professor **Ignacio Cano**, claro! Ele explicou bem as diferenças. **Métodos** seriam estratégias de produção de conhecimento científico, incluindo a geração e a validação de teorias, logo temos métodos qualitativos, métodos quantitativos e afins. Já as **técnicas** seriam formas padronizadas de coleta e análise de dados, com finalidade de produzir conhecimento válido. Aí já estamos falando por exemplo de **técnica de análise de conteúdo, técnica de survey, técnica de entrevistas em profundidade** etc. Certo? Agora que você sabe a diferença, vamos lá!

“Professores, ainda me sinto muito insegura para escrever a seção metodológica do meu projeto, principalmente a parte das técnicas de pesquisa. Alguma ajuda?”. Dá uma olhada neste **repositório** que a gente montou agrupando a maior quantidade de trabalhos tutoriais do mundo (é verdade esse bilhete). A Figura 4 ilustra a plataforma.



Figura 4 - Repositório de trabalhos tutoriais em métodos e técnicas de pesquisa



Logo, então, portanto, o projeto deve incluir uma descrição detalhada dos métodos que serão usados para analisar os dados.

A escolha dos métodos e técnicas de análise de dados depende da natureza da pesquisa e do tipo de dados coletados. Para garantir uma análise robusta, é importante considerar tanto métodos qualitativos quanto quantitativos, conforme apropriado. Abaixo, uma lista de principais técnicas e escolhas para facilitar sua vida.

Análise Quantitativa:

- **Estatísticas Descritivas:** inicia-se a análise com estatísticas descritivas para resumir os dados coletados. Isso inclui medidas de tendência central (média, mediana, moda) e medidas de dispersão (desvio padrão, variância).
- **Testes de Hipóteses:** aplicação de testes estatísticos (como t-test, ANOVA, chi-square) para avaliar se há diferenças significativas entre grupos ou condições experimentais.
- **Modelos de Regressão:** utilização de modelos de regressão (linear, logística, etc.) para investigar relações entre variáveis dependentes e independentes.
- **Análise de Correlação:** cálculo de coeficientes de correlação para identificar a força e a direção das associações entre variáveis.

Análise Qualitativa:

- **Análise de Conteúdo:** categorização e codificação dos dados qualitativos para identificar padrões e ausências recorrentes, seguindo os princípios mais rigorosos de confiabilidade e replicabilidade.
- **Análise de Discurso:** estudo das narrativas, discursos e variações linguísticas presentes nos dados, buscando compreender como os diferentes atores (indivíduos, instituições e afins) se comunicam e como buscam se influenciar.
- **Análise Narrativa:** análise focada em compreender como as pessoas constroem e compartilham suas histórias, tentando compreender como elas dão significado às suas experiências e à realidade que as cerca.
- **Estudo de Caso:** análise detalhada de casos individuais ou eventos específicos para explorar fenômenos em profundidade.
- **Teoria fundamentada (*Grounded Theory*):** método indutivo que visa desenvolver teorias baseadas nos dados coletados, através de um processo repetitivo de coleta e análise de informações.

Depois de executada, a pesquisa deve avaliar em que medida as evidências apresentadas corroboram ou refutam as hipóteses de trabalho (quando for o caso).

Avaliação das Evidências

Após a execução da análise, os resultados devem ser interpretados à luz das hipóteses de trabalho formuladas. Este processo envolve:

Corroborar ou Refutar Hipóteses:

Corroboração: Se os dados suportarem as hipóteses iniciais, os resultados corroboram as hipóteses. Por exemplo, se uma hipótese afirmava que "aumentar a dose de um medicamento X reduz a pressão arterial", e os dados mostram uma diminuição significativa na pressão arterial com o aumento da dose, a hipótese é corroborada.

Refutação: Se os dados não suportarem as hipóteses, estas são refutadas. Neste caso, é necessário explicar por que a hipótese não foi suportada e considerar fatores externos ou limitações do estudo que podem ter influenciado os resultados.

Lembrando que uma hipótese pode ser refutada ou corroborada parcialmente!

“Sim, professores, mas e aí?” . E aí que você tem que estudar um pouco de epistemologia da ciência, cursar uma ou duas disciplinas de metodologia (técnicas quantitativas e qualitativas), aprender alguma linguagem de programação e ficar ligada nas novidades metodológicas da sua área. Veja se [este livro](#) ajuda.

“Como fazer tudo isso em apenas dois anos de mestrado?” Pois é. É um grande desafio. Vamos te sugerir o que costumamos dizer para os nossos estudantes:

- a) Faça o curso 0800 da galera do **BITSS**. Isso vai te dar o básico sobre transparência e replicabilidade, que é a nova tendência da ciência mundial;
- b) Comece procurando por tutoriais no YouTube. Depois, faça cursos variados no Coursera, Edx, Udemy, etc. Quanto mais distante da sua área de conforto, melhor. Se você é de Humanas, faça cursos de programação, Estatística e análise de dados (dica: procure por “ciência de dados”). Se é de Exatas, faça cursos de política, filosofia, e métodos qualitativos;
- c) Depois que estiver confortável com alguma linguagem de programação (na Academia o R é mais popular, no mercado o Python é mais requisitado), você deve começar a aprender as técnicas de análise de dados que são mais populares na sua área. Nas ciências sociais, o mais tradicional é o curso do **MQ** da UFMG, que geralmente acontece no meio de ano. Gosta do frio? Também temos a **escola de inverno do IESP**. Não é de Curitiba e odeia o frio? Ok, então tenta os cursos de verão da **USP**.
- d) Se tiver um pai desembargador e uma mãe médica, faça cursos no estrangeiro. *“Professores, não tenho esse combo familiar. E aí?”* Bem, complica um pouco, mas existem caminhos. Vamos focar em manter notas excelentes na universidade e tentar participar de todo tipo de atividade (projetos de pesquisa, extensão, PIBIC, curso de mandarim, *workshop* do que aparecer). Com o tempo você vai começar a identificar quais cursos/habilidades parecem ser mais relevantes para a sua atuação acadêmica e profissional. Converse com seus professores e orientadores pelo caminho também;
- e) Já estamos chegando no final. Se estiver na graduação, escolha um tema de pesquisa que você goste muito. Tente aplicar essas técnicas de pesquisa (quali e quanti) na prática. É mais fácil e mais divertido de aprender.

Sim, mas voltando a parte da metodologia. Quase esquecemos! Você deve elaborar um plano detalhado descrevendo os métodos que serão utilizados para coletar, analisar e interpretar os dados. Isso pode incluir métodos experimentais, estudos de caso, análise estatística, entre outros. Ou seja, nada do super batido “este projeto aplica metodologia quanti-quali”. Isso não significa nada sem especificar exatamente o que você vai fazer. Além disso, ajuda bem se você deixar 100% claro as fontes de dados que serão utilizadas (já as possui? Em caso negativo, como as vai coletar?).

Vamos deixar algumas sugestões de leitura para você ficar fera no assunto.

1. Designing Social Inquiry: Scientific Inference in Qualitative Research

Autores: Gary King, Robert O. Keohane, Sidney Verba

Descrição: Este livro é uma referência fundamental para a metodologia em ciência política, oferecendo uma abordagem rigorosa para a pesquisa qualitativa com princípios de inferência científica.

2. The Oxford Handbook of Political Methodology

Editores: Janet M. Box-Steffensmeier, Henry E. Brady, David Collier

Descrição: Um compêndio abrangente que cobre uma ampla gama de técnicas e abordagens metodológicas utilizadas na ciência política moderna.

3. Rethinking Social Inquiry: Diverse Tools, Shared Standards

Editores: Henry E. Brady, David Collier

Descrição: Este livro propõe uma abordagem pluralista para a pesquisa social, combinando métodos qualitativos e quantitativos com rigor científico.

4. Social Science Methodology: A Unified Framework

Autor: John Gerring

Descrição: Este livro oferece uma abordagem integrada para a metodologia das ciências sociais, combinando aspectos qualitativos e quantitativos.

5. Introdução à Pesquisa Qualitativa

Autor: Uwe Flick

Descrição: Um manual bastante completo sobre as principais metodologias e técnicas da pesquisa qualitativa.

6. Métodos Quantitativos em Ciência Política

Autor: Dalson Figueiredo

Descrição: manual introdutório sobre os principais conceitos e testes estatísticos para a pesquisa quantitativa com foco na Ciência Política.

7. Estudos de Caso: Manual para a Pesquisa Empírica Qualitativa

Autores: Rodrigo Barros de Albuquerque, Renan Francelino da e Neto Silva, José Mário Wanderley Gomes

Descrição: manual introdutório sobre as definições e aplicações de estudos de caso na pesquisa qualitativa.

8. O Método Nas Ciências Naturais e Sociais

Autores: Alda Judith Alves-Mazzotti e Fernando Gewandsnajder

Descrição: apresenta fundamentos teóricos e empíricos para compreensão da natureza do método científico.

05

Considerações Éticas

É fundamental garantir que a pesquisa seja conduzida de acordo com padrões éticos, respeitando os direitos e o bem-estar dos participantes, quando aplicável. Esta diretriz é especialmente importante para desenhos experimentais, notadamente na área de saúde.

Bem, independente da sua área, comece logo lendo a **Resolução 674** que regula a tramitação de protocolos de pesquisa científica envolvendo seres humanos. Leu? Já? Não é possível. Agora, se você é de Humanas, pule direto para o artigo 26 que informa quais são os tipos de pesquisa que não precisam passar pelo sistema CEP/Conep¹. Se a sua proposta cumpre esses requisitos, bola para frente. Caso contrário, dê uma sacada em algumas recomendações gerais sobre isso. Rapidinho você lê! Beleza?

A condução de pesquisas, especialmente com seres humanos, exige uma rigorosa observância de princípios éticos para garantir a proteção dos direitos e o bem-estar dos participantes. “Professor, mas isso é realmente necessário?”. Rapaz, é. Tem muita gente maluca por aí. Veja, por exemplo, o que aconteceu nos Estados Unidos um dia desses:

Experimentos de Tuskegee

(Este é um dos exemplos mais infames (e bote infame nisso!) de violação ética na pesquisa)

Entre 1932 e 1972, o governo norte-americano realizou um estudo em Tuskegee, Alabama. A amostra, formada por 399 homens afro-americanos com sífilis, foi deixada sem tratamento (grupo de controle), mesmo após a descoberta da penicilina como remédio eficaz. O estudo foi conduzido **sem** o consentimento informado dos participantes e **sem** que eles soubessem dos riscos à sua saúde.

Tá vendo aí. A gente poderia incluir uns 20 mil exemplos (chutei total) de pesquisas que violaram a integridade física e psicológica dos participantes. Por esse motivo, temos que seguir uma série de protocolos de boas práticas (Tem algum streaming de filme? Compre uma pipoca e procure [este filme](#)).

I. Consentimento Informado

Esse aqui é fácil de entender. Sempre que aplicável, nossa pesquisa deve obter o consentimento informado dos participantes. Para isso, temos que fornecer informações precisas sobre os objetivos do estudo, riscos, benefícios e direitos dos participantes.

¹ I - survey de opinião pública com participantes não identificáveis; II - Pesquisa que utilize informações de acesso público; III - Pesquisa que utilize informações de domínio público;

IV - Pesquisa censitária realizada por órgãos do governo; V - Pesquisa realizada exclusivamente dados agregados; VI - Pesquisa realizada exclusivamente com textos científicos para revisão da literatura científica; VII - Pesquisa que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar o indivíduo; VIII - Atividade realizada com o intuito exclusivamente de educação, ensino, extensão ou treinamento, sem finalidade de pesquisa científica, de alunos de graduação, de curso técnico, ou de profissionais em especialização; IX - Pesquisas de mercado; X - Pesquisas científicas realizadas com células, tecidos, órgãos e organismos de origem não humana, incluindo seus produtos biológicos, desde que não haja interação com participantes de pesquisa ou impliquem a coleta ou o uso de material biológico humano para obtenção deles; XI - Atividade cuja finalidade seja descrever ou analisar o processo produtivo ou administrativo para fins, exclusivamente, de desenvolvimento organizacional.

II. Confidencialidade e anonimato²

Se liga! É nosso dever garantir a confidencialidade dos dados dos participantes e proteger suas informações pessoais, utilizando dados anonimizados quando possível. A pior coisa que pode acontecer é os dados serem vazados tal qual a aquela galera do site de traição, tá ligado? Então todo cuidado é pouco.

III. Minimização de Riscos

Quando eu (Dalson) passei um tempo no exterior, o dinheiro era bem curto, isso não é hora de mentir. A minha universidade era repleta de anúncios que ofertavam compensação financeira para as pessoas participarem em estudos experimentais. Não fui eu não viu, foi um amigo. Ele recebeu U\$50 para tomar um medicamento novo contra a dor, depois de autorizar a remoção de um minúsculo pedaço de músculo da perna. Devemos tomar medidas para minimizar riscos físicos, psicológicos ou sociais aos participantes, assegurando que os benefícios da pesquisa superem os riscos. Por exemplo, imagine um projeto de pesquisa que investiga o trauma de mulheres que sofreram agressão sexual, engraviaram e depois abortaram. Imagine a dor psicológica que essas pessoas serão submetidas em uma entrevista em profundidade, para a gente pegar um exemplo de Humanas. Em ambos os casos, devemos elaborar nossa proposta de pesquisa de modo que os ganhos científicos sejam enormes e os riscos para os participantes sejam mínimos. Beleza?

IV. Transparência e Integridade Científica

Conduzir a pesquisa com transparência e integridade, divulgando métodos, procedimentos e fontes de financiamento, além de compartilhar todos os materiais de replicação, que incluem dados originais e scripts computacionais. Para saber mais sobre esse tema, veja o artigo [Seven Reasons Why: A User 's Guide to Transparency and Reproducibility](#). Sabe o que seria bom também para você aprender mais sobre isso? Fazer o curso [Transparent and Open Social Science Research](#) que é 0800 lá da galera do [Berkeley Initiative for Transparency in the Social Sciences](#). Posso te contar um segredo? Você jura que fica entre nós? Todo ano eles tem uma chamada para um curso presencial na Califórnia com tudo pago (hotel, traslado e alimentação). Agora pense comigo: quem será que tem mais chance de ser aceito, uma pessoa que não sabe nada de transparência e integridade científica ou alguém que já completou o curso sobre o assunto? Pois é, fica a reflexão.

² Vamos deixar uma recomendação top de linha se você quiser se aprofundar mais nesse debate, mas com uma ênfase mais em estatística computacional, beleza? Veja aqui: <https://www.cambridge.org/core/journals/american-political-science-review/article/statistically-valid-inferences-from-privacyprotected-data/F372D4F7C9C6F93F15106FA3EE162FC0>. “Professor, não tem um video não? Para eu ficar ouvindo na academia?” Tem, veja aqui: https://www.youtube.com/watch?v=YYKq-Int_Uk.

V. Revisão por Comitês de Ética

Muitos projetos precisam seguir um rito específico e passar, como se diz, pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) ou *Institutional Review Board* (IRB) antes de iniciar a pesquisa. Se for o seu caso, converse com sua orientadora. O processo pode ser excessivamente demorado e isso representa um grave risco ao seu projeto. Procure o setor responsável na sua universidade para tentar agilizar o processo o quanto antes.

Na dúvida, dê uma olhada nesse [dossiê](#) da Revista Qualitativa que tem vários artigos sobre o assunto. Estamos conversados?



06

Discussão dos resultados

Os resultados devem ser discutidos em relação à literatura existente, destacando suas implicações teóricas, práticas e/ou sociais.

“E daí?”. A pergunta mais simples e ao mesmo tempo mais difícil que qualquer pesquisa precisa responder. Em outras palavras, “o que eu faço com isso? Como com farinha?”. Ou mais explícito, como seus resultados se relacionam com o que já sabíamos antes? Como podem dialogar com teorias e pesquisas anteriores? E como podem nos ajudar a avançar o conhecimento? Eles refutam ou reafirmam resultados anteriores? Quando for escrever a seção de resultados, guarde essas perguntas debaixo do braço e verifique em que medida todas elas foram devidamente respondidas.

Se você fez bem o dever de casa, também conhecido como fazer uma boa revisão de literatura, você já sintetizou os principais estudos da área na qual você quer dar uma contribuição. E se ganhou estrelinha, conseguiu até mostrar os achados gerais desses estudos, incluindo um resumo dos resultados e o estado da arte desse campo de pesquisa. Ora, agora é a hora de mostrar como sua pesquisa então contribuiu para a área? É para isso que serve ciência, certo?

Pois bem, os seus resultados podem refutar pesquisas anteriores. Por exemplo, os principais estudos americanos sobre campanhas eleitorais digitais diziam que candidatos evitavam a interação nas redes sociais, pois os ganhos eram poucos. A **pesquisa** do colega Camilo Aggio mostrou que isso era diferente no Twitter no caso das campanhas brasileiras de 2010. Então, havia algo diferente e específico do caso nacional. Isso é um senhor achado!

Em alguns casos, o seu estudo é uma continuação de outra pesquisa. Daí o interessante é verificar o quanto houve estabilidade ou mudança nos dados. Se houvesse mudanças, quais são as possíveis explicações para isso? Na área de humanas, podemos pensar se houve mudanças na sociedade, no contexto analisado. Em exatas, você provavelmente pode ter usado uma técnica menos usual ou mesmo nova e certamente precisa destacar os ganhos de tal utilização. Em biológicas, você pode ter feito testes de laboratório com algumas pequenas, mas fundamentais diferenças. Ora, bora destacar isso! Anote aí essas frases de efeito para incluir na sua seção de resultados:

"Os resultados obtidos não **apenas corroboram nossa hipótese**, mas também inauguram um novo paradigma na compreensão das dinâmicas sociais em contextos urbanos, evidenciando a eficácia de abordagens inovadoras de coleta de dados em tempo real."

-

"Este estudo é **pioneiro** ao integrar técnicas de *machine learning* com análises tradicionais de ciências sociais, estabelecendo **um novo** padrão para pesquisas futuras na área e demonstrando o potencial transformador da interdisciplinaridade."

-

"**Pela primeira vez**, conseguimos mapear com precisão as interações complexas entre variáveis socioeconômicas utilizando um modelo preditivo avançado, oferecendo **evidências inéditas** que podem contribuir com a elaboração de políticas públicas voltadas para a redução da desigualdade."

Na maior parte dos casos, você terá resultados relativamente parecidos com os já encontrados em casos anteriores. Aí cabe você destacar em que sentido os resultados são similares e porque isso é importante. Provavelmente, há também pontos que são diferentes. Você tem que relatar ambos, mas claro que vale aquele destaque para as diferenças e uma certa busca de compreender as razões para isso.

¹ Se você é da turma do metal, deve lembrar da música **So What**.

Em outras situações, nossos achados acabam refutando, no todo ou em parte, a sabedoria convencional sobre um determinado assunto. Nesses casos, é importante também enfatizar a sua contribuição. Vamos deixar aqui dois exemplos que devem te ajudar a como fazer isso.

Contexto 1

Um estudo anterior afirmou que a implementação de políticas de trabalho remoto reduz significativamente o estresse dos funcionários.

Achado contraditório: "Ao contrário do estudo de Silva et al. (2020), nossos resultados indicam que a implementação de políticas de trabalho remoto não reduz significativamente os níveis de estresse dos funcionários. Na verdade, nossos dados mostram um aumento de 15% nos relatos de estresse, atribuído à dificuldade de separar vida pessoal e profissional."

Contexto 2

Pesquisas anteriores sugeriram que o aumento do salário mínimo leva a uma redução na taxa de desemprego.

Achado contraditório: "Contrariando os achados de Oliveira (2018), nossa análise revela que o aumento do salário mínimo não está associado a uma redução na taxa de desemprego. Pelo contrário, observamos uma correlação positiva, onde a taxa de desemprego aumentou 2% após os ajustes salariais, sugerindo possíveis efeitos adversos no mercado de trabalho formal."

No caso do trabalho final (monografia, dissertação ou tese), seria a hora de verificar se as suas hipóteses foram confirmadas ou refutadas e se isso aconteceu de forma parcial ou integral. Todas as hipóteses precisam então ser repassadas e discutidas à luz dos resultados. Em suma, tanto em seu projeto de pesquisa quanto em seu trabalho final é interessante você ter essa seção para discutir seus resultados.

"Mas, professor, have you lost your mind? É um projeto! Não tenho resultados ainda!!". Calma, jovem. Muitos projetos de pesquisa, especialmente nas áreas duras, já partem de resultados para justificar a sua continuação. Pode ser que você esteja submetendo um projeto de doutorado e ele vai continuar a partir dos resultados obtidos na dissertação ou em outros resultados do laboratório/grupo de pesquisa. Nestes casos, vale a pena essa discussão das implicações.

Se este não for o caso, talvez não seja inteiramente necessário abordar isso em seu projeto, mas geralmente algum tipo de reflexão em cima das possíveis respostas para suas hipóteses pode evidenciar o seu conhecimento sobre a área e sua maturidade na pesquisa. Segredinho: como quase ninguém vai fazer isso, o simples fato de você tentar fazer, por mais superficial que seja, já vai ser um diferencial grande em relação aos outros projetos que a banca vai ler. Agora não é para você sair espalhando por aí né, deixe de ser fofoqueiro.

Agora, umas leituras sobre resultados e hipóteses: [Faleiros, Ferreira \(2021\)](#), [Fox e Jennings \(2014\)](#), [Heun \(2018\)](#), [Hiebert et al \(2022\)](#).

07

Conclusões, limitações e recomendações:

A dissertação/tese deve concluir com uma síntese dos principais resultados, descrição detalhada das limitações e recomendações para pesquisas futuras na área (a famosa agenda de pesquisa). Essa tríade é encontrada em vários artigos científicos de diferentes áreas do conhecimento.

Veni, vidi, vici. Traduzindo, introduzi o que vou fazer (introdução), fiz o que disse que ia fazer (resultados e discussão) e agora repito que fiz e o que isso significa (conclusão). Em outras palavras, a conclusão vai ser uma espécie de sumário recapitulado de tudo realizado na pesquisa. Logo, você irá retomar o problema e a pergunta de pesquisa, as hipóteses, os métodos empregados, os dados analisados, os resultados e a discussão.

“Tudo de novo?”. Tudo, mas calma. Aqui, é mais resumido e mais direto ao ponto. Em teses e dissertações, devemos entender o grosso de uma pesquisa lendo apenas introdução e conclusão. E, em alguns casos, podemos estar falando de trabalhos mais extensos ou mesmo densos e a conclusão vai deixar claro esse passo a passo.

Agora, a razão de existir da conclusão vem após isso. Como já sabemos, o conhecimento científico deve ser público e acumulável. Entre outras coisas, isso significa tornar claro quais são os avanços promovidos pelo trabalho, mas também **reconhecer e evidenciar suas limitações**. Você provavelmente precisou fazer recortes temporais ou em termos de amostra ou pode ter limites mesmo computacionais para os seus resultados? Portanto, é importante esclarecer como eventuais problemas da pesquisa limitam a confiabilidade dos resultados.

Alguns limites mais usuais estão relacionados a escolhas metodológicas, como a seleção de uma técnica de pesquisa ou de um teste estatístico em detrimento de outros, incluindo o tamanho e a qualidade da amostra e eventuais problemas em termos da disponibilidade de dados. Outros limites estão relacionados às suas escolhas de pesquisa, como o recorte temporal e espacial. Seus resultados, por exemplo, podem ser apenas a fotografia de um momento na história ou bastante específicos de um local.

Todavia, não se trata apenas de apresentar as falhas ou limites da pesquisa, mas deixar transparente os limites de seus achados. Isso é frequentemente importante para outras pesquisas beberem dos seus resultados e apontamentos. Não é apenas uma atitude transparente e ética, ela pode ser fundamental para determinados tipos de pesquisa, sob pena de sua pesquisa não ser considerada confiável ou haver desconfiança sobre seu trabalho como pesquisador! E não queremos isso! Não há aqui nenhum espaço para vergonha. Toda pesquisa científica tem limites e é bom o entendermos para podermos usar tais resultados e continuar o avanço da ciência.

Por sinal, esta é a parte final de qualquer boa conclusão. Você já recapitulou a pesquisa e já deixou claro as limitações. Agora, é hora de você fazer explicar como a pesquisa contribuiu para seu campo de atuação como um todo. Se, na discussão, você dialogou com a literatura, na conclusão, você quer descrever de maneira contundente como a sua pesquisa acrescentou algo ao conhecimento da área. Aqui, a teoria, os conceitos, os métodos empregados e os resultados podem ser o destaque. Geralmente, a sua pesquisa trouxe uma contribuição muito importante para a área. Qual foi?

Mas se já sabemos o que a pesquisa fez, suas limitações e suas contribuições, é importante fazer **recomendações para pesquisas futuras na área** (a famosa agenda de pesquisa). Com base em sua pesquisa, o que podemos recomendar para a área como um todo? Em outras palavras, em que ponto as futuras pesquisas deveriam se concentrar?

Aqui, pode ser algo baseado nas limitações de sua pesquisa. Como sugerir que os dados sejam testados para pesquisas mais longitudinais ou em outros contextos para verificar em que medida eles podem ser confirmados como generalizáveis ou como mais específicos. Talvez os seus achados possam ser testados ou mesmo aprofundados através de outras perspectivas teóricas ou especialmente por outras abordagens metodológicas? Por exemplo, uma *survey* nos indica o padrão de opinião e comportamento de pessoas, mas uma futura pesquisa para compreender melhor alguns resultados poderia ser feita através de grupos focais.

Em outros casos, você pode defender a sua pesquisa e indicar a necessidade da realização de outras pesquisas similares na área, que se trata de uma agenda promissora e que merece mais atenção. **Resumindo então:** Indicar essas agendas abertas de pesquisa é algo cientificamente desejável (para não mencionar elegante!) para o avanço do conhecimento. Algumas leituras para ajudar: [Bunton \(2005\)](#), [Araújo \(2006\)](#), [Ryan \(2005\)](#), [Ferreira \(2014\)](#), [Martín \(2018\)](#).





DICAS FINAIS



1. Um bom projeto de pesquisa investiga **perguntas importantes**. As respostas devem ser relevantes para compreender e resolver os principais problemas que afetam a sociedade. É o que se hoje entende por impacto social da pesquisa científica (**Para saber mais, dê uma olhada nessa nota técnica da CAPES**);
2. A pior coisa que pode acontecer na sua vida acadêmica é defender **EXATAMENTE** o mesmo projeto que foi submetido na sua seleção. Isso quer dizer que o tempo da pós-graduação não te ajudou em nada a melhorar a sua proposta inicial;
3. Um bom projeto de pesquisa é comprometido com a **transparência e a replicabilidade dos resultados**;
4. Um bom projeto de pesquisa vai focar em **um único objetivo geral**. Esse objetivo deve vir acompanhado de objetivos específicos, que são mini-passos/tarefas que você deve fazer para cumprir o geral. É forte a tentação de abordar várias questões no mesmo trabalho, mas você tem que resistir e focar em um único aspecto do seu problema. Isso é uma parte fundamental do que chamamos de delimitação do objeto de pesquisa;
5. **Justifique a importância do seu caso de estudo**. Por que ele é importante para entender o problema? Explique a relevância da pesquisa para a área de conhecimento e para a sociedade.
6. **Inclua uma revisão abrangente da literatura**: incorpore uma revisão de literatura que seja abrangente e atualizada, incluindo literatura internacional, nacional e recente. Isso posiciona a pesquisa dentro do contexto existente e identifica lacunas que o estudo pretende preencher;
7. **Descreva detalhadamente a metodologia**: apresente um desenho de pesquisa detalhado que inclua o passo a passo de aquisição e tratamento dos dados, fontes, e justifique a escolha das técnicas de pesquisa utilizadas.
8. **Reconheça as limitações da pesquisa**: apresente explicitamente as principais limitações da pesquisa. Reconhecer as limitações mostra rigor metodológico e transparência, além de ajudar a contextualizar os resultados. Quando a banca perguntar algo que você não sabe, assume que não sabe e pronto. Não tente enrolar. Aqueles pessoas que estão ali já avaliaram centenas de candidatos e elas conseguem identificar quando a pessoa está dando um migué. Sugestão: seja sincera.
9. **Mire bem!** "Professor, o lance então é mirar em algum professor e tentar se inserir no debate em questão?" Na mosca. Pouco adianta chegar com um projeto TOP se ninguém naquele programa pesquisa o tema. É melhor chegar com uma proposta não tão incrível, mas com aderência temática às linhas do PPG!
10. **Não desista**. Seleção de mestrado e doutorado é igual a qualquer seleção de concurso público. O segredo é não desistir, uma hora a sua hora chega. Temos certeza que esse manual vai facilitar muito o seu ingresso na pós-graduação. Até lá!

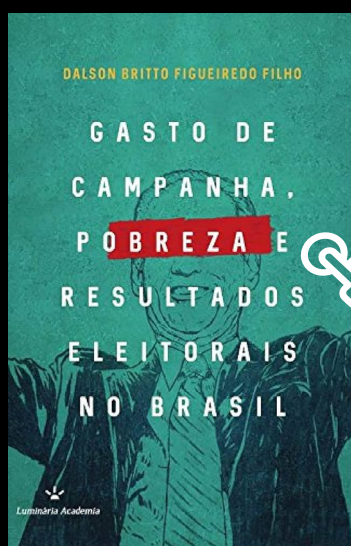
Sobre o Autor

Dalson Figueiredo é torcedor do glorioso Sport Clube Recife, campeão da Copa do Brasil de 2008. Pai de Rudá Alquete Figueiredo, Dalson atualmente é professor Associado do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Catalisador do Berkeley Initiative for Transparency in the Social Sciences (BITSS).

Em 2023, assumiu a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFPE e hoje atua como Coordenador Científico do Mestrado Profissional em Políticas Públicas (MPPP/UFPE). Em 2022, foi pesquisador visitante na Universidade de Oxford, Reino Unido. Foi também bolsista do Summer Program in Social Science (2015-2017) e do Teaching Integrity in Empirical Research (TIER), Haverford College (2016-2017). Em 2018 foi pesquisador visitante na Universidade de Nottingham, Reino Unido.

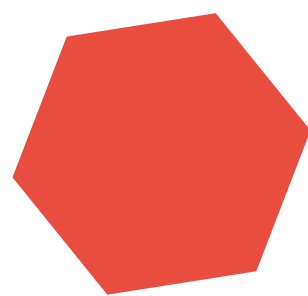
Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco em 2012 com uma tese sobre gastos de campanha, pobreza e resultados eleitorais. Foi pesquisador visitante na Universidade de Indiana (Bloomington, 2014), na William Mitchell College of Law (Saint Paul, 2011) e na Universidade de Wisconsin (Madison, 2009). Finalizou o mestrado em Ciência Política na UFPE em 2009 com uma dissertação sobre grupos de interesse, financiamento de campanha e regulação eleitoral. Em 2005, recebeu o título de bacharel em Ciências Sociais pela UFPE, com período sanduíche na Universidade do Texas (Austin, 2003).

Atua principalmente nas áreas de métodos de pesquisa e transparência científica. Tem dois livros publicados: um sobre financiamento de campanha e outro sobre métodos quantitativos em Ciência Política.



[Ei! Se quiser ganhar descontos especiais nos livros, fala diretamente comigo [no Twitter](#) (ninguém fala "X", fala sério!)]

Sobre o Autor



Rafael Cardoso Sampaio é mineiro, cruzeirense e gosta de mudanças. Mudou-se para Salvador, onde fez o doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Durante esse tempo, mudou-se rapidamente para a Inglaterra, onde fez doutorado sanduíche na University of Leeds. Depois, não satisfeito, mudou-se para Curitiba e mudou de área. Atualmente, é professor do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal do Paraná (UFPR). É bolsista de produtividade do CNPq 1-D.

Foi presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (Compólitica) entre 2019 e 2021 e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFPR entre 2021 e 2023. Atualmente, é pesquisador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital (INCT-DD) e coordenador do grupo de Pesquisa Comunicação Política e Democracia Digital - COMPADD.

Sua pesquisa principal é sobre democracia digital e comunicação política, mas tem investigado, nos últimos anos, sobre a qualidade dos métodos qualitativos. Publicou em parceria com Diógenes Lycarião o manual “Análise de Conteúdo categorial: um manual de aplicação” pela ENAP e coordenou o ebook “Se joga! Um guia prático para o cientista político se inserir no mercado de trabalho”.



Tô lá no Twitter/X também! Podemos conversar sobre democracia digital, métodos qualitativos, inteligência artificial e “*otras cositas más*”, blz? Só [clique aqui](#) pra seguir e acompanhar!